

O PERFIL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO FRENTE À SEXUALIDADE

Autor (1) Me. Rafael Correia Lima; Co-autora (1) Ma. Diandra Wojciechowski; Co-autora (2) Ma. Marli Matiasso Nardino.

UNIVERSIDAD IBEROAMERICANA – UNIBE, rafaclimarte@gmail.com, diandraoliveira2@gmail.com,
marlimatiassonardino@yahoo.com.br.

RESUMO

A pesquisa surgiu pela necessidade de abordar a sexualidade em sala de aula, com mais segurança e credibilidade, na intenção de assegurar o conteúdo com clareza e qualidade, é importante conhecer o perfil dos alunos do ensino médio, da E.E. Kakunosuke Hasegawa, para orientar e direcionar o trabalho pedagógico, com a finalidade de criar projetos e documentar toda a ação pedagógica da instituição de ensino, além de ser um tema do cotidiano dos alunos. O objetivo se deu em traçar o perfil da sexualidade dos alunos do ensino médio, descobrir como eles lidam, vivenciam e encaram essa realidade. Nesse sentido, a pesquisa de campo buscou resultados qualitativos e quantitativos, trazendo valores sociais particulares e também números estatísticos, apropriando-se de um questionário com oito perguntas fechadas que foi aplicado em uma única vez aos entrevistados. Na temática da sexualidade na adolescência, a pesquisa apontou dois grandes temas, sendo eles: as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez. Conta com autores especialistas e em educação, a partir de Brasil (1996 e 1998), Cano, Ferriani e Gomes (2000), Freire (1996), Martins e *et al* (2006) e São Paulo (2014), para nortear os conteúdos abordados. Exclusivamente, a pesquisa de campo envolve a educação paulista e a realidade da própria instituição de ensino pesquisada, a partir dos conteúdos já desenvolvidos na 1ª série do ensino médio. Na sequência, são explanadas algumas características envolvendo a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis. E com dedicação exclusiva a pesquisa bibliográfica aponta valores para a conscientização de um ensino para a prevenção. Ao final, com os dados coletados, os resultados mostram números intrigantes sobre os riscos de DST, porém favoráveis para os resultados da gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Sexualidade, Escola e cidadania, Estatística.

INTRODUÇÃO

O cotidiano da adolescência é muito diversificado e é nesse período em que os alunos iniciam a prática da sexualidade. No entanto, a escola por sua vez, se depara com alguns

compromissos que transcendem os conteúdos disciplinares, como também entraves que dificultam as abordagens desses conteúdos em sala de aula, devido aos constrangimentos dos próprios alunos ou dos pais que representam culturalmente um conservadorismo social.

Nesse sentido, Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.18 *apud* OSÓRIO, 1992) dizem que: “a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo [...]”.

O objetivo da pesquisa desde então é investigar qual o perfil dos alunos da Escola Estadual Kakunosuke Hasegawa, no estado de São Paulo, frente à temática da sexualidade, pois é um tema cauteloso e merece toda a atenção durante o processo de escolarização da educação básica.

A metodologia aplicada foi por meio de um questionário aplicado a população e amostra do ensino médio, onde traz reflexos qualitativos e quantitativos sobre o assunto.

Dá ênfase aos conteúdos disciplinares propostos pela Secretaria de Estado de Educação, São Paulo, e traz um panorama geral da sexualidade na visão dos autores especialistas, bem como, os alunos, os pais e professores lidam com este tema.

Na pesquisa de campo, a discussão dos resultados é dialogada também com os autores especialistas e nos valores coletados por meio do questionário, que traz dois resultados importantes para o trabalho da sexualidade no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa tem o caráter quali-quantitativo, apresentando relações diversificadas de opiniões e informações subjetivas, para assegurar o tema em sala de aula, por outro lado, visa números estatísticos e valores computados por meio de gráficos.

Com corte transversal, a pesquisa ocorreu entre os dias 18 e 19 de outubro de 2016 no horário de aula dos alunos, no período da tarde e da noite. No entanto, ela é não experimental, pois não tem a interferência de qualquer objeto ou exposição à experimentação, também não teve a interferência dos demais entrevistados e dos pesquisadores.

A população envolve os alunos do ensino médio da E.E. Kakunosuke Hasegawa, e para o tamanho da mostra foi utilizada a tabela de Cornett e Beckner (1975), que numa população de 500 pessoas, recomenda-se coletar informações de 217 amostras, portanto na população representada por 487 alunos do ensino médio, o 1º, 2º e 3º do ensino médio do ano de 2016, a pesquisa contou com 223 respostas.

O instrumento de coleta de dados foi designado em forma de questionário, com oito perguntas fechadas, que esteve disponível online para as respostas dos entrevistados através do endereço: <https://goo.gl/forms/juviITKP055wL64o1>, intitulado: “Sexualidade: DST e gravidez na adolescência”.

A técnica de análise de resultados utilizada foi realizada em forma de transcrição fazendo conexão e diálogos com os autores da bibliografia e por meio de representação de gráficos para os resultados quantitativos.

A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A identidade cultural dos alunos, em especial do ensino médio, sofre influências diretas do ambiente escolar, pois é o meio social em que eles mais estão inseridos, além do ambiente familiar, devido à idade dos adolescentes e a falta de oportunidades de trabalho, igualmente, a Emenda Constitucional nº 20 que integra a Constituição Federal (BRASIL, 1998) proíbe “[...] qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos”.

No entanto, a referida lei brasileira, diz que a criança menor de 16 anos de idade, não pode trabalhar, mas, é nesse momento em que a vida sexual se torna ativa. Segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000, p. 22 *apud* LOPES; MAIA, 1993), “no Brasil, a idade média é de 16,9 anos para meninas e 15 anos para os meninos [...]” é o exato momento que se inicia a vida sexual desses adolescentes. Nesse sentido, pais/adolescentes não estão preparados financeiramente ou profissionalmente para assumir sua própria família.

Segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.18) “o sexo tornou-se um dos assuntos mais discutidos nos tempos modernos, embora Freud, já nos fins do século passado, tenha escrito e debatido muitas questões relativas à sexualidade e ao comportamento sexual”.

Por outro lado, os jovens se ressentem pela falta de informações sobre sexo (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.21 *apud* ARRUDA, 1992). No entanto, para São Paulo (2014, p.25):

“Mais do que a falta de informação, o medo de assumir a vida sexual e a falta de espaço para discussão de valores no seio de suas famílias leva aos adolescentes a engravidar. Perdas entre o “não pode” dos pais e o “faça” autoritário que impera na mídia, os adolescentes raramente conseguem alguém para ouvir seus conflitos e medos”.

Segundo Freire (1996, p.46-47) “a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na

prática educativa progressista”. Sendo assim, para um ensino de qualidade é necessário preservar a identidade cultural e a privacidade de cada indivíduo, respeitando o seu espaço e o seu lugar na sociedade.

No entanto, a LDB (BRASIL, 1996, p.9) diz que:

Art.2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sendo assim, a responsabilidade é da escola, como também da família e do Estado, que por sua vez, devem auxiliar o adolescente no processo de formação cidadã desde os mais distintos temas e âmbitos sociais.

GRAVIDEZ E DST NA ADOLESCÊNCIA

A educação, no estado de São Paulo, trata com especificidade o tema da gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis, sendo dois temas que atingem os jovens em idade escolar, a partir da 1ª série do Ensino Médio (2014).

A gravidez na adolescência é um assunto que não deve ser passado despercebido aos professores e familiares no cotidiano dos adolescentes, pois é nessa idade que tudo pode acontecer.

A adolescência é a faixa de idade que apresenta a maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Aproximadamente, 25% de todas as DST são diagnosticados em jovens com menos de 25 anos [...] (MARTINS; ET AL, 2006, p.315).

A iniciação precoce dos adolescentes na vida sexual tem mostrado grande preocupação entre os pais, professores e também os profissionais da área da saúde, em decorrência da falta de conhecimento sobre o uso de preservativos (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.22). As DST são um risco generalizado e podem impedir o processo de escolarização.

As DST representam um sério impacto na saúde reprodutiva das adolescentes, porque podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais e recém-nascidos com baixo peso, além de interferir negativamente sobre a autoestima (MARTINS; ET AL, 2006, p.315).

Sendo o HIV, uma das principais doenças causadas pela DST, à causa de “[...] mais de 25% dos novos casos de infecção pelo vírus HIV ocorrem entre jovens com menos de 22 anos” (MARTINS, *ET AL*, 2006, p.315).

Nesse sentido,

“[...] os adolescentes necessitam ser esclarecidos de que o vírus da AIDS não está mais circunscrito aos chamados grupos de risco, mas envolve a todos, independente de classe social, raça, sexo, idade, crença religiosa, desde que não se protejam em seus relacionamentos sexuais” (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.21).

Portanto a AIDS é uma doença silenciosa e que não avisa, não esconde sua cara, o portador do vírus não possui alterações fisionômicas que o identifique. Sabemos que o combate a AIDS “só será possível por meio de um trabalho de prevenção e conscientização da necessidade de mudar comportamentos sexuais até agora aceitos como corretos” (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.21 *apud* SUPLICY; *ET AL*, 1995).

Por outro lado, a questão emocional, física e psicológica dos alunos adolescentes passa por sérias transformações, nessa faixa etária, e a...

[...] “onipotência”, um sentimento próprio dos adolescentes e que os levam a imaginar que com eles “nunca vai acontecer” e que estão imunes a qualquer perigo. “Assim eles se colocam diante do HIV, acreditando que não pegam AIDS e, portanto, não são necessários comportamentos preventivos como o uso da camisinha...” (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.21 *apud* SUPLICY; *ET AL*, 1995, p.86).

Nesse sentido, a educação de forma geral, lida com o emocional dos alunos e que na busca de um trabalho com qualidade de informação pode estabelecer parcerias com as secretarias de saúde e as próprias famílias, trazendo informações sobre a prevenção de doenças, na luta contra as moléstias causadas pela prática sexual sem a devida precaução e conseqüentemente trazer informações acerca da gravidez.

CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO SE ENSINAM

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (FREIRE,1996, p.39).

A partir do caderno de atividades do Governo do Estado (SÃO PAULO, 2014), em análise, traz o princípio de que a informação chegue antes da execução, pois os objetivos para a vida futura podem ser interrompidos ou alterados por meio dos riscos que o adolescente se expõe.

Mais do que a falta de informação, o medo de assumir a vida sexual e a falta de espaço para discussão de valores no seio de suas famílias levam as adolescentes a engravidar. Perdas entre o ‘não pode’ dos pais e o ‘faça’ autoritário que impera na mídia, as adolescentes raramente conseguem alguém para ouvir seus conflitos e medos (SÃO PAULO, 2014, p.25).

Para Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.21 *apud* SUPPLY, 1991), “[...] a questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos”. Possivelmente, tais informações com maior apreço, incumbem na figura do professor que está em sala de aula, lidando com os adolescentes, que se amparado com outros órgãos pode fazer um trabalho informativo e preventivo, com o apoio dos pais e familiares.

[...] a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenha responsabilidade, autoestima pratique sexo com segurança (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.22).

Sendo assim, “[...] muitos obstáculos culturais e emocionais ainda dificultam o trabalho de prevenção não apenas da AIDS, como também das doenças sexualmente transmissíveis” afirma Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.21).

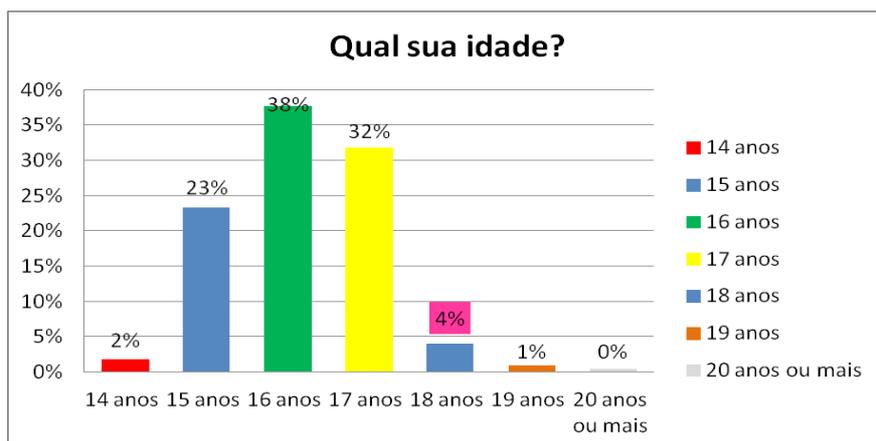
Embora os adolescentes tenham maior conhecimento sobre DST que os adultos, o grau de conhecimento é considerado baixo. Alguns estudos constataram que uma grande proporção de adolescentes se engaja em contatos sexuais, como sexo oral e anal, sem reconhecê-los como fonte de contágio de doenças sexualmente transmissíveis (MARTINS; *ET AL*, 2006, p.316).

É importante pensar sobre o tema e discutir em sala de aula, pois, segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.20 *apud* CONCEIÇÃO, 1988), “[...] tanto para homens como para mulheres, a educação sexual sempre foi ostensivamente repressora”. Nesse sentido, cabe à educação refletir sobre ações com os alunos e a família para a prevenção das DST e também a gravidez na adolescência, cumprindo o seu papel na sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a aplicação do questionário aos entrevistados, iniciamos este diálogo indagando sobre o perfil dos alunos diante da sexualidade, no qual foi interessante descobrir a idade dos adolescentes atendidos na instituição, a fim de conhecer o público e a idade sexual dos alunos, bem como o seu contato.

Figura 1. Qual a sua idade?



Fonte: Os autores (2016).

A resposta da questão 1 apontou que a idade mais atendida no ensino médio desta escola foram os alunos com 15 anos (23%), 16 anos (38%) e 17 anos de idade (32%), que juntos totalizaram um resultado de 93%, representando assim a idade dos adolescentes pela faixa etária entre 15 a 17 anos de idade.

Segundo Cano, Ferriani e Gomes (2000, p.8 *apud* OSÓRIO, 1992),

[...] a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como um elemento estruturador da identidade do adolescente.

A 2ª questão objetivou coletar dados mais precisos sobre a sexualidade. Portanto, foi questionado se eles já tiveram relação sexual? E os resultados foram comprovados com 60,1% de “sim” e 39,9% “não” tiveram nenhuma relação sexual. Sendo assim, fica comprovada a necessidade do tema em sala de aula com informações e conteúdos precisos, por ultrapassar a metade dos alunos em vida sexual ativa.

A questão 3, foi perguntado se os alunos usam/usaram preservativos? Para tal questão, o intuito foi de coletar informações e dados estatísticos, para uso das informações no sentido de prevenção e orientação. Mas por outro lado, foi possível detectar que...

Muita gente se sente constrangida ao tratar de assuntos relacionados à sexualidade. Em sala de aula, o tema sempre leva a uma grande agitação. Entretanto, considerando-se as taxas de gravidez na adolescência e o risco de contágio dos jovens por HIV e por outras doenças sexualmente transmissíveis, é fundamental que todos aprendam um método para se prevenir (SÃO PAULO, 2014, p.39).

Em atenção a esse fato citado por São Paulo (2014, p.39) os pesquisadores tomaram todo o cuidado para que os alunos tivessem tranquilidade, segurança e total sigilo para organizar suas respostas e responderem sem a interferência de qualquer sujeito durante o preenchimento dos questionários.

Figura 2. Você usa/usou preservativo?



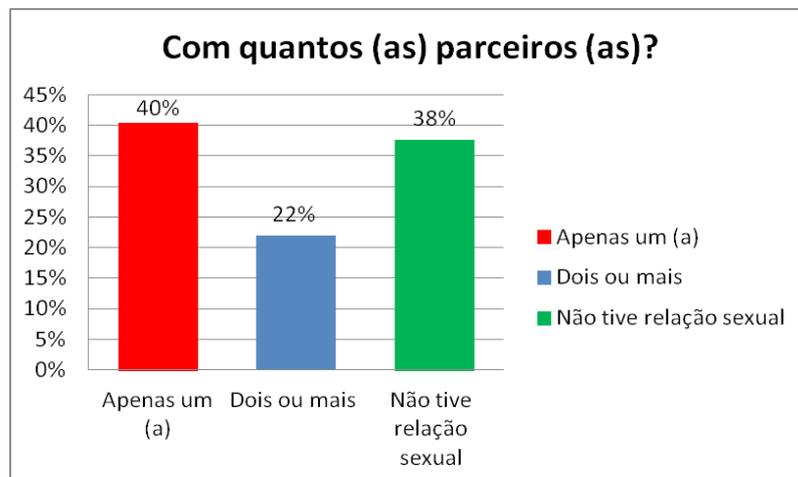
Fonte: Os autores (2016).

Sendo assim, os resultados, na figura 2, foram assustadores, pois determinam que 43% dos entrevistados não utilizam/utilizaram preservativos e 13% “às vezes” dos mesmos praticam/praticou sexual sem o uso do preservativo, ou seja, 56% dos alunos precisam ter conhecimento dos riscos que ficaram expostos pela falta de prevenção durante o ato sexual.

Nesse sentido, o exercício de prevenção e de conscientização é o tema principal que o professor pode iniciar suas aulas, pela quebra de tabus, admoestando os alunos para uma prática sexual saudável com uso de preservativos.

Sabendo que o preservativo é um instrumento essencial para a prevenção das DST e também da gravidez, sugerimos a quarta pergunta, com a função de traçar um panorama da prática sexual dos adolescentes, questionando com quantos (as) parceiros (as) tiveram relações sexuais?

Figura 3: Com quantos (as) parceiros (as)?



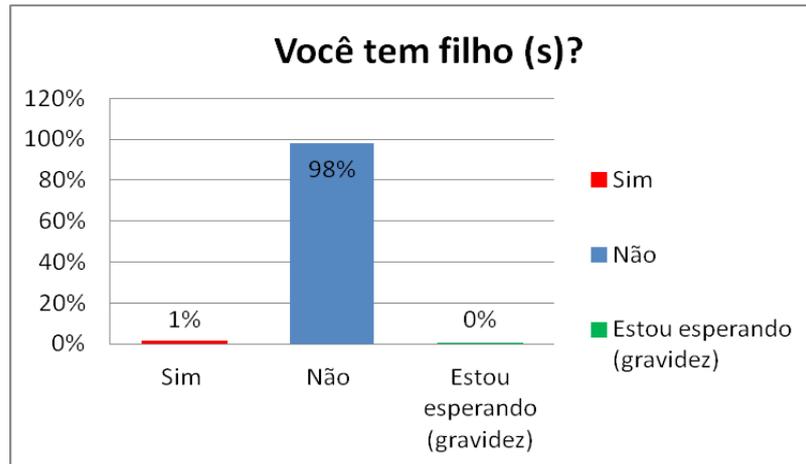
Fonte: Os autores (2016).

Sendo assim, a figura 3, mostra que 40% dos adolescentes tiveram apenas um (a) parceiro (a). Mas, 22% dos entrevistados afirmam que tiveram dois ou mais parceiros (as), caso pode se agravar ainda mais as infecções no quesito das DST, pois enquanto mais o número de parceiros (as), aumentam as possibilidades de contaminação. Nesse sentido,

Muito mais do que a falta de informação, a gravidez na adolescência está ligada às características próprias dessa fase da vida. A onipotência do ‘comigo não acontece’, a impetuosidade do ‘se der errado, depois a gente vê’, a busca de identidade no ‘se eles acham que isso é certo, eu faço o contrário’, a energia de ‘vamos ver o sol nascer depois a gente vai direto para aula’. Junte a essas atitudes o pouco ou nenhum diálogo com a família, além da angústia do conflito entre o desejo e as consequências para que a gravidez aconteça. Depois o argumento mais ouvido é: ‘não pensei que fosse engravidar’ (SÃO PAULO, 2014, p.25).

Já a pergunta 5, teve a função de coletar o retrato social da escola questionando sobre a gravidez, portanto foi perguntado se você tem filho (s) ou está esperando?

Figura 4. Você tem filho (s)?

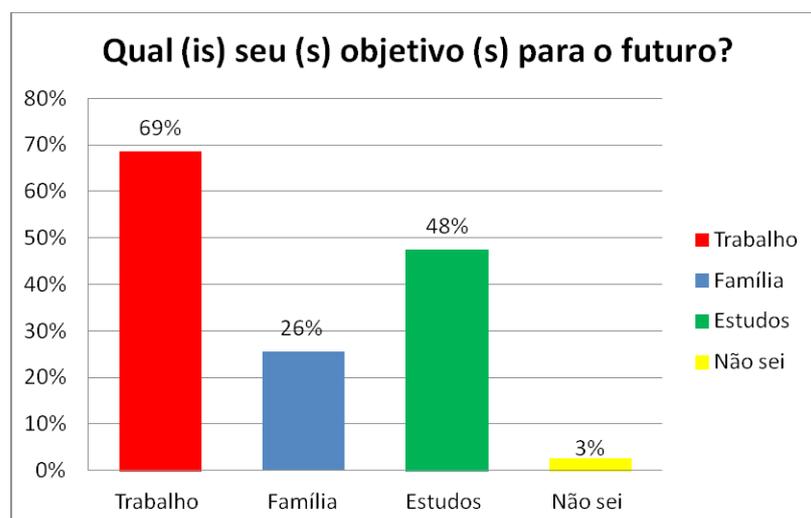


Fonte: Os autores (2016)

O resultado foi inesperado, pois os alunos da escola afirmavam com propriedade de que a instituição possuía uma promiscuidade generalizada e que supostamente as meninas eram levianas por não se prevenirem, assim sendo, já alegavam casos de gravidez. Mas, o retrato da figura 4 deixa claro que somente 1% dos adolescentes possuem filho (s) e nenhum adolescente gestando, ou seja, a gravidez na adolescência nesta escola não é um problema social.

Sabemos que a gravidez na adolescência pode mudar toda a vida dos jovens, principalmente os sonhos e objetivos da carreira profissional. No entanto, a pergunta 6 teve a intenção de resgatar valores socioculturais e reconhecer as condutas familiares dos indivíduos, questionando: quais seus objetivos para o futuro?

Figura 5. Quais seus objetivos para o futuro?



Fonte: Os autores (2016).

A partir da figura 5, resultou o perfil de um colegiado que hoje, possui determinados objetivos para o futuro, mesmo a escola estar localizada numa região periférica da cidade de Itaquaquecetuba, no estado de São Paulo, o resultado se mostrou surpreendente, pois, as maiorias dos entrevistados estão focadas no mundo do trabalho (69%) e estão predispostos a continuar seus estudos (48%) após a conclusão do ensino médio, sendo que para eles a família não é o foco principal, representado apenas por 26%, e assim, comprovando o bom resultado do grau de interesse e acerca dos objetivos dos alunos, somente 3%, ainda não pensaram o que pretendem fazer após a conclusão do ensino médio.

Nesse sentido, na questão família, pode acontecer uma mudança de foco, pois...

[...] Não são raros os casos de adolescentes que acabam se unindo ao companheiro durante o pré-natal. Não se casam necessariamente no papel, mas mudam o estado matrimonial e passam a constituir família (SÃO PAULO, 2014, p.24).

Já para a questão 7, foi perguntado se você já fez exames de DST? E o resultado foi de 91,5% “não”, lastimosamente, ficando um grande alerta vermelho para essa questão, e somente 8,5% responderam “sim”, ou seja, um número muito baixo de alunos que já fizeram esse tipo de exame.

A partir desse resultado, de que 91,5% dos entrevistados não fizeram os exames de prevenção as DST, descontando 39,9% dos alunos que nunca tiveram relação sexual, até o momento desta pesquisa, têm um número de 51,6% dos alunos necessitando ter ciência do risco que ficaram expostos, ou seja, mais da metade da população desta amostra, passa atualmente por riscos ainda desconhecidos.

É um número (51,6%) elevado e merece atenção pela escola, pais e comunidade que juntos precisam discutir formas para tratar esse assunto, com mais proximidade e carinho, visando à descoberta e o processo de prevenção que devem acontecer antes da prática sexual.

Ainda pensando no sentido “constrangedor” para alguns adolescentes, se fez necessário descobrir se eles se sentiam desse jeito ou tinham mais a necessidade de esclarecimentos. Então, na questão 8, foi perguntado se você acha importante discutir o tema gravidez e DST na escola?

Por ser um tema cauteloso “[...] sabemos que os adultos que cercam o adolescente, pais e professores, têm dificuldade para abordar essa temática no dia-a-dia [...]” (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.18).

O resultado da questão 8, foi proveitoso, representado por 92,4% “sim”, sendo assim, um resultado significativo e abarcador para que a escola desenvolva suas atividades com mais segurança e liberdade. Igualmente, devem-se levar em consideração os 7,6% “não”, pois os adolescentes devem ser respeitados e privados de exposição aos demais alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não teve a função de vulgarizar a prática sexual na adolescência, tampouco buscou incentivar a prática sexual dos alunos nesta faixa etária. Mas, atentou por encontrar um perfil dos alunos frente à sexualidade com a finalidade de trabalhar o tema em sala de aula incentivando a prevenção e a conscientização sobre os riscos.

Todos os resultados coletados foram importantes e significativos, mas o que mais nos intrigou foi os 63% dos alunos que possuem 16 anos ou menos, e estarem iniciando a prática sexual, podendo gerar filhos sendo que a atual lei proíbe o trabalho. Sendo assim, trouxe o seguinte questionamento: como criar um filho se os pais menores de idade não podem trabalhar?

A segunda constatação foi de que a gravidez na adolescência não é um problema social desta instituição pesquisada, pois somente 1% da população representa tal situação. Gravidez na adolescência não é um tema frequente na escola.

O terceiro fato constatado, sendo o resultado mais intrigante é de que 51,6% da população podem estar em risco de DST, pois teve a prática sexual sem o uso de preservativos e não fizeram exames, ficando o alerta vermelho para se pensar em uma educação de qualidade, com um retrato social em que o perfil dos alunos não esteja em riscos.

O retrato geral da instituição escolar pesquisada, estatisticamente, traz um panorama positivo, pelos números apresentados quanto aos objetivos dos alunos, que apontam hoje, serem focados em continuar os estudos em 48%, e seguir com o trabalho em 69%. Apesar de que esses objetivos podem ser alterados de acordo com as ações momentâneas que os envolvidos podem enfrentar.

Portanto, fica o alerta vermelho para o fato de que os 56% de alunos que não usaram preservativos em suas relações sexuais, sendo que somente 8,5% deles fizeram exames de DST. Sendo assim,

Temos um longo caminho ainda a percorrer, muitos tabus e mitos a derrubar, mas pensamos que todo jovem tem o direito de ser orientado corretamente sobre sua sexualidade e esta

deve começar no próprio lar, se estender à escola e a todas as instituições que façam parte da sociedade, e em especial nas instituições da área da saúde (CANO; FERRIANI; GOMES, 2000, p.23).

Todavia, os alunos sentem-se a necessidade de que esses assuntos sejam discutidos em sala de aula, com 92,4% de aprovação, sendo necessário fazer ciência e parcerias com as famílias, bem como, instituições de saúde e demais profissionais capacitados.

Sabe-se também que o professor nem sempre é um especialista nesse tema, portanto quando o professor não domina o conteúdo, fica a critério da gestão escolar, junto com a coordenação pedagógica, propor um espaço no ambiente escolar para debater por meio de palestra, aulas especiais e convidar especialistas de fora. Segundo Freire (1996, p.153) não se deve “envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa”.

No entanto, recomenda-se que a escola e os pais contribuam de forma significativa na educação sexual dos adolescentes a fim de promover de modo satisfatório uma vivência saudável sobre a sexualidade.

A pesquisa trouxe dados estatísticos específicos da realidade da instituição pesquisada que pode ser utilizada para outras instituições da mesma região, porém poderá sofrer alterações nos resultados, pela abrangência da população e a região. Além disso, o tema é amplo e ilimitado e esta pesquisa se preocupou em buscar resultados estritamente ligados à gravidez e a DST na adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc20.htm). Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc20.htm Acesso em: 24/11/2016 as 21h20m.

_____. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. In: **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.8, n.2, p.18-24, abril 2000.

CORNETT, J.D.; BECKNER, W. *Introductory Statistics for the Behavioral Sciences*. Columbus, OH: Charles Merrill Publishing Co., 1975.

CRUZEIRO; *Et al.* **Comportamento sexual de risco:** fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MARTINS, Laura B. Motta; COSTA-PAIVA, Lúcia Helena S. da; OSIS, Maria José D.; SOUSA, Maria Helena de; PINTO-NETO, Aarão M. Pinto; TADINI, Valdir. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. In: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(2): 315-323, fev, 2006.

SÃO PAULO. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo:** Caderno do Aluno, Biologia, Ensino Médio, 1ª Série, Volume 2. São Paulo, Nova Edição 2014-2017.

SOUZA, L.P.G.; ARROXELAS-SILVA, C.L.; MOURA, G.M.; CASTRO, O.W. **Adolescência e sexualidade:** influência do conhecimento empírico no comportamento sexual de risco. 2016.